

A dispersão da memória e da  
escrita em Milton Hatoum e  
Lobo Antunes

## Universidade Federal Fluminense

REITOR

Sidney Luiz de Matos Mello

VICE-REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

## Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

CONSELHO EDITORIAL

Aníbal Francisco Alves Bragança (presidente)

Antônio Amaral Serra

Carlos Walter Porto-Gonçalves

Charles Freitas Pessanha

Guilherme Pereira das Neves

João Luiz Vieira

Laura Cavalcante Padilha

Luiz de Gonzaga Gawryszewski

Marlice Nazareth Soares de Azevedo

Nanci Gonçalves da Nóbrega

Roberto Kant de Lima

Túlio Batista Franco

DIRETOR

Aníbal Francisco Alves Bragança

Véra Lúcia Ramos de Azevedo

A dispersão da memória e da  
escrita em Milton Hatoum e  
Lobo Antunes



Copyright © 2012 Vera Lúcia Ramos de Azevedo  
Copyright © 2016 Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Coleção Biblioteca, 81

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Direitos desta edição cedidos à  
**Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense**  
Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ  
CEP 24220-008 - Brasil  
Tel.: +55 21 2629-5287 - Fax.: +55 21 2629-5288  
[www.eduff.uff.br](http://www.eduff.uff.br) - [faleconosco@eduff.uff.br](mailto:faleconosco@eduff.uff.br)

Impresso no Brasil, 2016

Foi feito o depósito legal.

*A meus pais e à minha irmã*



# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>9</b>
<b>Os espaços da memória</b>	<b>17</b>
Memória e história	17
Memória e ruína	48
Memória e lembrança, memória e esquecimento	79
<b>A vivência da memória</b>	<b>135</b>
O luto, a melancolia	135
O (auto)exílio e a identidade desfocada	166
<b>A memória da escrita e a escrita da memória</b>	<b>199</b>
As noites do Oriente e o Livro do Gênesis	199
Entre uma epígrafe e um poema	226
A escrita rizomática e uma narrativa em dobras	254
<b>Conclusão</b>	<b>287</b>
<b>Referências</b>	<b>295</b>





# Introdução

Na produção literária contemporânea, cada vez mais vamos surpreendendo caminhos narrativos da memória que parecem antes resultar em *descaminhos*, lugares moventes e provisórios que impedem o desvelamento das vivências do passado. Sem conseguir, portanto, elucidar o passado ou trazê-lo ao presente para maior compreensão deste, a memória passa a correr riscos, manifestando sinais de desgaste, sinais esses que podem ser detectados como marca de obras que problematizam o lugar que lhe é atribuído por grande parte da ficção que dela tem se ocupado.

*Relato de um certo Oriente*, do escritor brasileiro Milton Hatoum, e *Não entres tão depressa nessa noite escura*, do escritor português António Lobo Antunes, manifestam, cada um a seu modo, procedimentos inerentes a um tipo de ficção que, sem optar por um direcionamento pautado pela recuperação das vivências do passado, procede de modo a desestabilizar tal percurso, inviabilizando mesmo qualquer aproximação entre presente e passado, bem como qualquer possibilidade de tornar legíveis histórias individuais e familiares, contaminadas que estão por névoas que não se dissipam, mas que se vão espessando através das próprias vozes narrativas que proliferam na escavação do tempo e na tentativa do enfrentamento dos resíduos e fragmentos do que ficou para trás.

Instabilidade e deslizamento, como procedimentos que comprometem o percurso da *memória*, contaminando igualmente o percurso de sua *escrita*, são indicativos do questionamento que ambos os romances propõem em relação às supostas “certezas” da recuperação do passado, o que revela estar o projeto ficcional de Hatoum e de Antunes vulnerável à *dispersão textual*. Se a memória é arredia, tal percurso deslizante também configurará sua escrita, experiência da errância no plano formal, determinada pelos impedimentos da escrita no que se refere à captação e/ou atribuição dos sentidos da memória do passado.

A memória deslizante, por se ver destituída de fixidez e/ou centralidade, pressente ser seu percurso inevitavelmente afetado pelos atravessamentos de zonas com as quais passa a estabelecer relações, marcadas por tangências e/ou implicações entre elas.

Adentramos, portanto, para a análise dos romances, no campo contemporâneo de redefinição tanto da memória quanto da história, em que ambas deixam de apresentar uma feição unívoca e compartimentada, passando a ser reconhecidas por suas idas e vindas, em um movimento de mão dupla, em que as duas, congeminações, uma acionando a outra, perfazem um outro agenciamento, ou seja, a história, não podendo prescindir da vivência da memória, e esta, tentando recuperar as marcas ou sinais deixados pela história. A memória não é confiável, assim como a história, que deixa de ser tomada como exatidão e passa a ser admitida por suas versões, ambivalências, disparidades.

A busca individual das narradoras dos dois romances, por implicar necessariamente o resgate da cena familiar de que são originárias, faz que a história da família seja tomada como lugar em que o resgate do passado se dê como possibilidade de elucidação de questões vitais e, ainda que tal tarefa possa encontrar resistência, haja vista a obnubilação dos fatos e da realidade, a história familiar não deixa de se constituir como reduto a ser preservado para a compreensão do passado.

Nos romances em questão, esse deslizamento entre memória e história, que ocorre de forma turbulenta e plena de tensões, se manifesta através de uma escrita fragmentada e dispersa, revelando personagens cindidos em subjetividades destroçadas e/ou descentradas, uma vez que nem a história parece deixar indícios para a reconfiguração do presente, nem a memória parece ser garantia de realocação do passado no presente – meramente lacunar e dissipada, desfuncionalizada tanto como memória do passado quanto como (*re*)memória no presente.

É com base nesse quadro de mobilidade que será desenvolvida a reflexão comparativa dos romances no primeiro capítulo, por meio dos atravessamentos que aí têm lugar e

que são aqui pensados como os *espaços da memória*, espaços esses localizados nas relações das narradoras com a *história familiar* que pretendem resgatar, história que a elas se apresenta como *ruína*, e nas relações de pressuposição entre *memória* e *esquecimento*.

Daí a opção pela reflexão de Paul Ricoeur (2007), que pensa a memória em sua relação com a história e o esquecimento: tal equacionamento da questão, nessa visada argumentativa relacional, pretende acompanhar a própria questão relacional trazida à tona pelos romances. A reflexão sobre os deslizamentos entre os espaços da memória parece exigir um pensamento também flutuante a seu respeito.

Com Nietzsche e Benjamin, também se pensará sobre esse caráter relacional que interessa investigar em ambos os romances, processo que resulta tanto na problematização e/ou desestabilização da história quanto na constatação de suas ruínas.

A problematização da história por Nietzsche, tendo em vista cercear seu domínio para que a vida floresça, será seguida na análise do projeto ficcional da memória nos dois romances, a julgar a desestabilização das histórias familiares que os norteiam, e considerando, também, nos dois, em maior ou menor grau, o teor crítico das narradoras em relação a essas histórias como um possível fator de absorção e/ou de superação dos dados do passado que ambas incorporam e que não podem ser recuperados pela memória.

Já a visão benjaminiana da história, trazida à leitura dos romances, poderá elucidar o modo pelo qual as narradoras se relacionam com os fatos do passado, bem como com seus destroços e suas ruínas, considerado o processo de desgaste sofrido pela memória em sua tentativa de conferir legibilidade às histórias familiares. Através dos sinais e das pegadas deixadas por essas ruínas do passado, portanto, os romances vão exibindo a maior ou menor predisposição e/ou condição das narradoras na manutenção de seu projeto da memória, tal o sentido de impossibilidade e/ou resistência a ser enfrentado pelas mesmas. Esse traçado da história e de suas ruínas, por configurar o

quadro de instabilidades da memória, pode dar a medida dos recuos ou avanços da empresa memorialista das narradoras.

Tal empresa, ainda que conduzida em âmbito individual, haja vista sua vivência no presente estar irremediavelmente associada à compreensão dos sentidos difusos de seu passado, não pode estar desvinculada da busca dos sentidos que, por ultrapassarem o campo mais estreitamente relacionado à sua perquirição individual, integram a memória que as antecede e que encontram sustentação nas referências coletivas que configuram a história familiar de cada uma das narradoras.

No entanto, se a investigação da memória nos romances não pode prescindir da consideração dessa proto-história das famílias, é a memória individual que será principalizada na análise. Com Bergson (1999), se procurará redimensionar, portanto, esse movimento das narradoras em direção ao passado remoto: essa regressão será pensada, assim, não como um deslocamento retroativo do presente ao passado, mas esse movimento regressivo será tomado como ponto de partida para o movimento em direção ao presente, como consecução da memória. Naturalmente, esse movimento, ainda segundo Bergson, não será aqui cogitado como mera relação sequencial, mas, antes, como virtualidade, o que permitirá acompanhar, em ambos os romances, temporalidades distintas a partir de sua própria condição aglutinadora. A memória não está isolada *no* passado nem *no* presente, mas no movimento que perfaz *com* ambos e *com* suas temporalidades.

O percurso da memória, por outro lado, não pode ser dissociado de seu correlato, o esquecimento. Inevitavelmente, qualquer reflexão sobre a memória pressupõe a interposição do esquecimento como fator de impedimento à sua consecução. Aqui, será retomado o percurso argumentativo de Ricoeur que, partindo da herança grega, segue refletindo sobre questões como memória e imaginação, memória e lembrança, evocação e recordação, memória e esquecimento. Ora, tais questões, conforme desenvolvidas pelo autor, poderão revelar nos romances as relações que aí venham a ter maior ou menor ocorrência, ressalvados os percursos de cada narradora. Assim,

imaginação, evocação e recordação serão também consideradas, por integrarem o quadro ditado pela memória, mas que pode ser inviabilizado por força do próprio esquecimento.

*A vivência da memória* é o título que agregará as questões desenvolvidas no segundo capítulo, voltado à investigação das condições pessoais em que se dá a busca do passado para cada uma das narradoras.

Ambos os romances, por pautarem seu projeto ficcional na construção de uma memória arredia e dispersa, estabelecem como correlato do quadro de suas impossibilidades o próprio quadro das vivências pessoais, cujo percurso exhibe as hesitações da memória das narradoras. Nesse contexto de vivências, portanto, ao processo de esfacelamento do universo familiar, desencadeado pela morte, corresponderá o processo representado pelo luto/pela melancolia e por seus deslocamentos pessoais e/ou identitários.

Partindo da premissa de que é a vivência da morte que leva as duas narradoras à tentativa de decifração do passado e ao resgate da memória, por meio das narrativas que tentam construir, será avaliado o grau de afecção de ambas pelas perdas e mortes na família, acompanhando-se o percurso oscilante das narradoras no que se refere ao saber que tentam construir sobre o passado. Com Benjamin (1984), a partir da associação que estabelece entre luto e alegoria, será pensado o modo pelo qual a vivência da morte as afeta – e a cada uma em particular – como rasura alegórica e/ou como tentativa de atribuição de sentidos ao passado e, conseqüentemente, na impossibilidade de sua expressão através das narrativas que empreendem.

Como correlata do luto, também a melancolia será aqui tratada. A questão colocada pelos romances, no sentido de conferir à morte papel determinante na busca do passado e de um saber sobre o mesmo, não pode estar dissociada das atitudes que as narradoras venham a manifestar devido à sua vivência da perda. O modo pelo qual elas contemplam as perdas e as ruínas do passado, portanto, é decorrente não só do grau de dissolução da casa e da família pelas mortes que aí imprimiram suas marcas definitivas, mas também do grau atingido pelas fissuras internas das narradoras na escavação do passado.

Nesse quadro, delineado como vivência da memória, além dos entraves propiciados pela morte e pelas perdas do universo familiar, não se pode deixar de apontar questões daí decorrentes, que resultam nos deslocamentos vivenciados pelas narradoras e que revelam seus impedimentos e/ou desafios na consecução do resgate de seu próprio passado.

Assim é que, à vivência da memória das narradoras se acopla a questão da subjetividade cindida, dada pelos deslocamentos por elas sofridos, por sua condição flutuante de estrangeiras e/ou estranhas. Nesse exílio interno, como exílio de si mesmas e marca de sua excentricidade, configura-se o campo da vivência fraturada e da falta de pertença.

O terceiro capítulo estará voltado a questões que envolvem mais diretamente os procedimentos das narradoras, tanto em relação à *memória* da escrita quanto à *escrita* da memória, procedimentos esses que indicam ser propósito de ambos os romances tanto alargar o espaço da escrita, de modo a que cada romance exiba a *pluralidade textual* de que é constituído, quanto fazer da escrita o campo de formalização textual da dispersão da memória das narradoras.

De fato, cada vez mais as produções literárias contemporâneas fazem de sua escrita o espaço privilegiado para a circulação da memória dos textos que as precederam, o que passa a qualificar tal espaço como lugar de manifestação de um diálogo entre textos. O jogo intertextual, explícito ou não, põe à mostra a *reserva* textual dada às obras como memória, reserva aí subjacente e afeita a uma configuração relacional, produzida tanto na internalidade dos textos quanto no espaço movente entre eles.

O mapeamento da *memória da escrita* em cada um dos romances procurará perceber os textos que, direta ou indiretamente, dialogam com a matéria textual constitutiva dos romances em questão, acompanhando a massa textual subjacente a cada romance e avaliando o modo pelo qual cada um desses textos, dado como interferência citacional na macroestrutura dos romances, com eles dialoga, por eles é moldado e neles também deixa sua marca de memória. E, ainda que a análise

opte por não estabelecer rígidas relações de especularidade entre os romances e esses textos tomados como memória da escrita, o estabelecimento dessas relações intertextuais, por meio da citação, na linha de Compagnon, pode se revelar decisivo para que se percebam também possibilidades de relação entre os espaços percorridos pela memória das narradoras e por aquela que denomino reserva textual, também responsável por fazer agenciar a escrita dos romances.

Quanto à *escrita da memória*, será considerada, em ambos os romances, uma escrita que, no lugar de tentar conferir legibilidade à memória, procura mesmo problematizá-la, exibindo sua dispersão. Deste modo, a escrita parece permitir uma investigação que busque defini-la pelas marcas de um traçado também esquivo, afeito às imprevisibilidades textuais, decorrentes do desafio imposto por essa ficção no sentido de formalizar textualmente o percurso descontínuo da memória.

A análise, portanto, procurará seguir os desvios da narrativa, detectando também os pontos em que as sequências narrativas se interrompem, se desfazem, se refazem novamente, avaliando tais procedimentos em sua relação com a memória percorrida pelas narradoras.

Interessa acompanhar na escrita sinuosa dos romances o percurso do *rizoma*, conforme explicitado por Deleuze & Guattari (2007) em *Mil platôs*. Sendo assim, o texto será seguido a partir tanto de suas linhas de segmentaridade quanto das linhas de fuga, tentando-se avaliar em que medida essas linhas moventes expressam a mobilidade da memória e os impedimentos que irão afetar seu curso.

Para além das aproximações rizomáticas entre os romances, serão demarcados, em relação à escrita da memória em Antunes, procedimentos que poderão situá-la com base em aspectos que a distinguem da sua escrita em Hatoum. Nesta última etapa da análise, com base em estudo deleuziano sobre a *dobra* barroca, a escrita antuniana será acompanhada a partir das ondulações que manifesta no corpo textual do romance, também marcas de sua errância e dispersão.